



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira; Oliveira Kênia Edjane Beserra de. Uma história da profissão docente: o curso normal e as filhas de santa tereza. *Anais VI CONEDU*. Campina Grande: Realize, 2019.

ST 08 - MEMÓRIA, CULTURA E TERRITORIALIDADES

Coordenadoras:

Suzyanne Valeska Maciel de Sousa (PPGH/UFPE), Camila Sousa de Sena Araújo (PPGH/UFPE)

Neste Simpósio Temático pretendemos socializar pesquisas de diversas áreas que queiram discutir os aspectos da produção historiográfica que envolvem movimentos sociais, pois compartilhar é condição da vida pública, de forma que a luta para garantir direitos exige apoio da coletividade. Entendemos, nesse contexto, que a memória tem um papel primordial na ressignificação do passado, o qual é sempre atualizado pelas questões do presente. Temos como foco discussões que problematizem numa perspectiva interdisciplinar os sujeitos inseridos em questões de conflitos territoriais, relações de poder e/ou lutas de classes, com diálogos que abrangem a memória, a história oral, o patrimônio, a narrativa ou os discursos no processo de pensar a escrita da história nas mais diversas temporalidades.

LAMPIÃO ENTREVISTADO: AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS CONSTRUÍDAS PELO LÍDER CANGACEIRO

Wesley Rodrigues Dutra
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
wesley.duttra@gmail.com

Resumo: Em 4 de março de 1926, Lampião e os seus cangaceiros entraram na cidade de Juazeiro do Norte – CE, para se integrarem aos Batalhões Patrióticos e combaterem a Coluna Prestes que ameaçava os sertões do Nordeste brasileiro. Durante os dias que estiveram na cidade, os bandoleiros foram objeto da curiosidade da população local. Buscando um furo jornalístico, o médico do Crato, Otacílio Macêdo, conseguiu realizar uma entrevista com o “Rei do Cangaço”, sendo esta publicada no jornal *O Ceará*, no dia 17 de março de 1926. Objetiva-se no presente artigo discutir quais foram as representações elaboradas por Lampião sobre a sua vida e o cangaço. Para isso, tendo como base o método documental, utilizou-se como *corpus* da pesquisa a reportagem supracitada. Percebe-se que durante toda a entrevista Lampião buscou mostra-se ao público como uma vítima das injustiças sociais, alguém que precisou pegar em armas para honrar o nome da sua família e vingar-se dos seus inimigos. Ele fabricou uma



imagem para si que ia na contramão do discurso jornalístico que o pintava como “fera”, “assassino”, “bandido cruel” e “celerado”. Tinha-se a tentativa, por parte de Lampião, de ressignificar o discurso homogeneizante que o mostrava como bandido sanguinário e flagelador dos sertanejos.

Palavras-chave: Cangaço; Lampião; Jornalismo; Representação.

INTRODUÇÃO

Sobrado do poeta e “historiador brasileiro” João Mendes de Oliveira. Segundo o jornal *O Ceará*, de 17 de março de 1926, na frente da referida residência, crianças, jovens, homens, mulheres e pedintes aglomeravam-se na esperança de verem os “temíveis” cangaceiros ali hospedados. Certamente, a rotina da população da cidade de Juazeiro-CE tinha sido quebrada. A “Meca nordestina”³², que diariamente tinha romeiros passeando pelas ruelas e becos íngremes em busca de obterem as bênçãos do benemérito padre Cícero Romão Batista, estava atônita. A terra dos milagres³³ que desafiavam a ciência e até mesmo a própria religião católica romanizada, recepcionava os “ilustres” cangaceiros.

A mesma fonte revela que, na direção do sobrado onde os bandoleiros estavam acomodados, os populares se dirigiram em massa. Pode-se imaginar a curiosidade popular para ver o “grande” cangaceiro Lampião. O exótico estava ali exposto à exibição, à contemplação dos olhos curiosos, desejosos de dissecarem as vestes, a vida, a identidade e o cotidiano daquelas “feras”. Talvez muitos daqueles populares se questionassem sobre os cangaceiros: Como seriam? Como se vestiam? E o líder era realmente um “demônio encarnado”? Aos olhos daquele povo, gente comum, provavelmente tivesse o desejo não só de vê-los, talvez até mesmo tocá-los e escutar as histórias mirabolantes, ousadas e cruéis daqueles homens das armas.

Ao verem os bandidos, a admiração para com as suas vestes deve ter impressionado aqueles olhares de “beatos e romeiros” do padre Cícero, afinal, aquela era

³² Ver: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da Mãe de Deus. 2.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008. Na obra, a autora buscou minuciosamente, através dos caminhos da antropologia, analisar a figura do padre Cícero, a cultura e religião local. Recorreu, para isso, a um estudo da própria constituição da cidade de Juazeiro.

³³ Para um aprofundamento sobre a questão do primeiro milagre em Juazeiro, cuja hóstia transformou-se em sangue na boca da beata Maria de Araújo, ver: FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro**: a beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.



a primeira vez que o bando de Lampião estava em Juazeiro³⁴. O médico da cidade do Crato, Otacílio Macêdo, correspondente do jornal *O Ceará*, ao ficar sabendo da notícia, foi ao encontro de Lampião, “maior líder cangaceiro”, para obter uma entrevista, o que seria um furo jornalístico e grande feito. Macêdo obteve êxito. No dia 17 de março de 1926, o jornal de Fortaleza *O Ceará*, publicou a entrevista concedida por Lampião, primeira e única do “Rei do Cangaço”, até onde se tem notícia.

Objetiva-se no presente artigo discutir quais foram as representações elaboradas por Lampião sobre a sua vida e o cangaço. Para isso, tendo como base o método documental, utilizou-se como *corpus* da pesquisa a reportagem supracitada, publicada no jornal *O Ceará*, na edição de 17 de março de 1926³⁵.

ENTRE DITOS E NÃO DITOS: REPRESENTAÇÕES E IMAGENS CONSTRUÍDAS POR LAMPIÃO SOBRE A SUA VIDA

Poetizando o feito de Otacílio Macêdo, João Martins de Athayde (2000, p. 84), narrou o episódio da seguinte forma:

Um repórter da Gazeta
Com Lampião quis falar
No meio da multidão
Quase não pôde passar
Machucando muita gente
Pôde finalmente
Com Lampião conversar

Ali se cumprimentaram,
E começou o jornalista
Da vida de Lampião

³⁴ Para um aprofundamento sobre a articulação do convite para que Lampião se integrasse ao Batalhão Patriótico e os detalhes da sua estadia na cidade de Juazeiro do Norte, ver: GRUNSPAN-JASMIN, Élise. O “Capitão” Lampião. In: GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 95-115. MELLO, Frederico Pernambucano de. O capanga da lei. In: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012. p. 79-92. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Prestes x Lampião**. In: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012. p. 93-110.

³⁵ Parte da discussão aqui apresentada é produto da dissertação de mestrado defendida junto a Universidade Federal da Paraíba. Para aprofundamento, ver: DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas trilhas do "Rei do Cangaço" e de suas representações (1922-1927)**. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.



Saber por uma entrevista,
 Narrou tintim por tintim
 Do princípio até o fim
 Sem nada perder de vista

Começou logo a conversa
 De uma forma animada
 Lampião tinha a linguagem
 Muito desembaraçada,
 Mostrando sua importância
 Falando com arrogância
 Como quem não via nada.

Para a história do cangaço a entrevista é de grande importância e valor devido o ineditismo e a riqueza de detalhes que se pode apreender. Lampião ganhava voz, sua fala seria moldada pelas “letras redondas” do jornal. Muitos teriam condições de conhecer a forma de pensar daquele líder cangaceiro.

Mesmo com o crivo questionador do entrevistador a conduzir o diálogo para obter as respostas desejadas, Lampião também soube usufruir desse mecanismo para construir uma representação de si, constituída de seus interesses pessoais e, certamente, objetivando a difusão de uma imagem junto ao público leitor. Essa preocupação com a divulgação de uma imagem que o favorecesse também pode ter sido o motivo pelo qual Lampião, em 1936, se deixou filmar e fotografar pelas lentes de Benjamim Abrahão. Ele ia sendo fabricado de acordo com os interesses da sua época e do lugar social dos seus interlocutores, mas ao mesmo tempo, o próprio Lampião se fabricava através da autoimagem que ele tentava passar para a mídia.

Ao ganhar voz através do jornal, o chefe cangaceiro teve a possibilidade de mostrar outra versão; pôde, desta feita, instituir a sua verdade em detrimento daquelas veiculadas e disseminadas pelos jornais. Não se tem como saber até que ponto a entrevista foi recortada e editada pelo médico cratense e o redator do jornal, pois, em uma época em que não havia gravador como mecanismo de entrevista, fica difícil aferir questões como linguajar e formas de expressão do entrevistador atravessando a fala do entrevistado. Em essência essa entrevista revelou facetas dessa imagem que Lampião queria tornar pública.

O diálogo travado entre Otacílio Macêdo e Lampião, apresenta-se carregado de interesses, encenações, intencionalidades e representações construídas por entrevistador e entrevistado. A entrevista e a sua transcrição no jornal contribuíram para a fabricação



de uma representação que conduziu à elaboração de outras representações sobre o “Rei do Cangaço”.

De todo modo, é evidente que Macêdo não poderia modificar muito as palavras de Lampião inventando respostas não dadas pelo mesmo, pois ele, possivelmente, tinha em mente está lidando com um bandido, um bandido que sabia ler, não tinha nada a perder e gostava de acompanhar o noticiado ao seu respeito. Assim, caso não gostasse do escrito, o bandoleiro poderia voltar para tomar satisfação sobre o dito. Naquelas veredas nordestinas todos sabiam ser melhor não ter inimizade com cangaceiros, pois esses eram vingativos e, mesmo demorando, cumpriam suas promessas de vingança.

Chandler narrou as impressões que Otacílio Macêdo teve no que diz respeito ao seu entrevistado:

[...] Lampião se portou de maneira calma e decidida. Embora seu linguajar fosse rude, falava sem se perturbar, olhando atentamente para seu interlocutor, e pensando suas palavras. Era sério, nunca sorria, e só falava para responder as perguntas. Dava a impressão de que estava perfeitamente consciente de sua própria importância e gostando de ser alvo da curiosidade popular. É preciso notar que Lampião não era indiferente à imagem que dele fazia o povo. Lia os jornais e revistas, quando os encontrava, ou talvez mandava que lessem para ele, pois é possível que não fosse um consumado leitor. Interessava-se sobretudo pelas notícias referentes a sua pessoa, e ficava muito zangado quando encontrava algum comentário que achava errado ou injusto (CHANDLER, 1980, p. 90).

Para Lampião aquela entrevista configurava-se como uma oportunidade de “desmontar” imagens construídas sobre ele. Então, no decorrer da mesma, ele tomou a postura de injustiçado e fez uso do discurso de vítima do contexto social e das circunstâncias do destino, os quais o teriam impulsionado para o banditismo. Tinha-se aí um embate de representações onde a arena fora as páginas dos jornais: enquanto de um lado os noticiários construía sobre Lampião uma imagem de bandido sanguinário, o cangaceiro, fazendo uso de uma tática defensiva, elaborou outra representação sobre si, almejando mostrar o seu lado sobre os fatos inerentes a sua vida.

Se havia o interesse de Otacílio Macêdo em instituir uma imagem e representação sobre Lampião que fosse hegemônica e coerente com a concepção de bandido, tão cara à



elite da época, Lampião também usou de uma tática para instituir a sua autoimagem, na contramão das representações que eram produzidas sobre ele pelos seus inimigos.

Diante de uma estratégia de representação elitista que buscava oficialmente se instituir como hegemônica, Lampião fez uso de um contradiscurso para mostrar-se como injustiçado. No entanto, é oportuno lembrar a necessidade de se atentar para a particularidade de estarem ambos os discursos limitados: o do entrevistador encontrava os limites da fala de Lampião, até onde o cangaceiro permitia que a entrevista fosse e se aprofundasse; por outro lado, o “Rei do Cangaço” encontrava as limitações impostas por Otacílio Macêdo, o qual ponderava e conduzia a entrevista. Havia na entrevista limites e fraturas que iam delimitando-a. A entrevista, assim como a história, “se define inteira por uma *relação da linguagem com o corpo* (social) e, portanto, também pela sua relação com os *limites* que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala” (CERTEAU, 2008, p. 77, grifos do autor).

Como a condição de vítima se inscrevia no discurso de Lampião, duas vias interpretativas abriam-se, seguindo a perspectiva teórica de Chartier. De um lado, tinha-se a identidade social de Lampião “como resultado [...] de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear” (CHARTIER, 2002, p. 73), nesse sentido, os responsáveis seriam os jornais e as autoridades governamentais. Por outro lado, tinha-se “que considerar o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo”, ou seja, o “Rei do Cangaço” tentou forjar uma nova representação.

A voz de Lampião chegava pela primeira vez aos jornais, após nove anos de sua presença no universo do cangaço. Aos vinte e sete anos, o chefe mais temido nos rincões nordestinos já se configurava como um líder de pulso naquelas terras, uma inteligência voltada ao banditismo e ao crime. A genealogia de sua trajetória seria feita por ele, na busca de mostrar ao leitor o porquê de ter abraçado aquela vida clandestina. Talvez ele pretendesse comover o público com a narrativa do sofrimento que se abateu sobre ele e sua família, contribuindo para uma desvinculação da sua imagem daquela de bandido miserável, sanguinário e despudorado que matava apenas por prazer.



De “pacato” almocreve, Lampião foi, gradativamente, se tornando o homem e o nome mais perseguido nas décadas de 1920 e 1930, pois seu nome, por si só, segundo os relatos jornalísticos da época, já se relacionava com o mal e a criminalidade. Lampião buscou com a entrevista mudar essa imagem:

Chamo-me Virgulino Ferreira da Silva e pertencço à *humilde família Ferreira* do Riacho de São Domingos, município de Vila Bela. Meu pai, *por ser constantemente perseguido* pela família Nogueira e em especial por Zé Saturnino, nossos vizinhos, resolveu retirar-se para o município de Água Branca, no estado de Alagoas. *Nem por isso cessou a perseguição.* Em Água Branca, foi meu pai, José Ferreira, *barbaramente assassinado* pelos Nogueira e Saturnino, no ano de 1917. *Não confiando na ação da justiça pública, por que os assassinos contavam com a escandalosa proteção dos grandes, resolvi fazer justiça por minha conta própria,* isto é, vingar a morte do meu progenitor. Não perdi tempo e resolutamente arrumei-me e enfrentei a luta. Não escolhi gente das famílias inimigas para matar, e efetivamente consegui dizimá-las consideravelmente (O CEARÁ, 17 mar. 1926, grifos nossos).

Através da sua narrativa Lampião representou-se como se tivesse sido obrigado a pegar em armas, pois era preciso honrar o nome da sua família e os seus mortos.

A coisa mais sagrada do código ético sertanejo, a família, havia sido ferida no seu âmago. A mãe morta por meio de um infarto fulminante, atribuído pelos filhos ao desgosto de ver-se degredada de suas terras, suas raízes, e o pai, assassinado de forma brutal e injusta. Desenhou o caminho a ser seguido, qual seja, a única solução vista por ele fora vingar e honrar o nome da família através do cano do rifle e da ponta da faca. A vingança era o único caminho e se constituía numa justificativa plausível para aquela sociedade na qual vigorava um primitivo código de honra e vingança.

As palavras de Lampião buscavam históriá-lo, autobiografar, se contrapor aos discursos disseminados na imprensa sobre ele, instituir sua própria imagem/representação. Palavras simples – “humilde”, “perseguido”, “barbaramente” -, mas com significados fortes, foram saltando na sua fala. Essas palavras iam dando sentido e forma ao discurso do cangaceiro. Seu “cartão de apresentação” vinha cravejado pela tristeza de um início de vida infeliz, mas, ao mesmo tempo, trazia, subjetivamente, a marca de sua valentia, de não temer a luta.



Lampião pretendeu recriar discursivamente seu passado, um passado que não vinha à tona nos discursos e representações daqueles que buscavam desqualificá-lo e manchar a sua imagem. Na entrevista, buscou representar aquilo que faltava, mostrar o outro lado da moeda, uma face oculta. Talvez Lampião pretendesse marcar seu passado, dar um lugar a si através da linguagem, assim como faz o historiador através da operação historiográfica o qual, por meio do ato da escrita, expõe suas concepções sobre o passado: “‘Marcar’ um passado, é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos (CERTEAU, 2008, p. 107).

Nesse caso, Lampião almejava estabelecer um outro lugar para si, para além do estigma de bandido. Um lugar de filho, de pessoa humilde ultrajada e oprimida pelos poderosos da terra, um lugar de rebelde e vingador, um lugar de herói.

Lampião era um homem midiático, gostava dos holofotes e de todas as atenções voltadas para si, devia sentir prazer ao ver o seu nome estampado nos jornais, haja vista que mesmo aqueles que nunca o viram pessoalmente, conheceram-no através da imprensa que divulgava seu nome e seus feitos. Ele foi fabricado noticiosamente, pois, graças às escrituras, “os seres vivos são ‘postos num texto’, transformados em significantes das regras (é uma contextualização) e, por outro lado, a razão ou *Logos* de uma sociedade ‘se faz carne’ (trata-se de uma encarnação)” (CERTEAU, 2008, p. 231). “Encarnado” em um escrito, ganhando novos significados, essa era a dinâmica jornalística em torno de Lampião.

Sobre a sua estadia no Juazeiro, aquele era um momento de felicidade. Felicidade por ter conhecido o Pe. Cícero, o “santo de Juazeiro”, e ter pisado naquele solo sagrado o qual todo bom nordestino devia visitar pelo menos uma vez na vida. Aquela era uma das maiores vitórias. O próprio ato de tomar a bênção ao “Padim” apresentava-se, simbolicamente, como uma proteção, um escudo a livrá-lo de futuros infortúnios.

Em um segundo momento, a ida a Juazeiro significava a oportunidade de sair do banditismo e tornar-se um legalista, ganhando armas e, principalmente, a admiração dos populares, coisa que Lampião já tinha adquirido por meio das suas facetas nas caatingas e povoados sertanejos.



Voltando à entrevista em análise, para ganhar a confiança de Lampião, o médico cratense pediu um autógrafo ao cangaceiro. Com esse gesto, Lampião ficou lisonjeado e, ao mesmo tempo, embaraçado. Sem saber o que escrever, ele perguntou os dizeres a serem anotados no papel. Ficando firmado:

Juazeiro, 6 de março de 1926.
 Para... e o Coronel...
 Lembrança de EU.
 Virgulino Ferreira da Silva.
 Vulgo Lampião (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Interessante e peculiar no trecho acima são os silêncios, as lacunas no escrito/autógrafo de Lampião, uma particularidade que pode passar despercebida. Como afirmou Certeau (2008, p. 90), ao trabalhar a Operação Historiográfica, a história também se define pelo que ela exclui (ausências), pelos seus silêncios. Nesse caso particular, o jornal *O Ceará* optou por não expor as pessoas às quais se destinava aquele autógrafo: “Para... e o Coronel...”. Quem seria esse coronel que receberia tal lembrança de Lampião? Essas reticências teriam sido apenas um mecanismo tipográfico ou foram intencionalmente colocadas para proteger pessoas importantes, coiteiros de Lampião no Ceará? Infelizmente, não se tem tais respostas, ficando as indagações em aberto.

A entrevista aos poucos ganhou tons mais incisivos, fugindo da cordialidade inicial entre entrevistador e entrevistado. As perguntas ficaram mais ousadas. Apelando para a capacidade de Lampião ser dotado de consciência e sentimento no referente aos crimes, roubos e crueldades por ele praticados, o médico lançou a desconcertante indagação: “Não se comove a extorquir dinheiro e ‘variar’ propriedades alheias?” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Talvez com um pouco de indignação diante da pergunta feita, Lampião foi astucioso, respondendo-a prontamente: “Oh! Mas eu nunca fiz isto. Quando preciso de algum dinheiro, mando pedir ‘amigavelmente’ a alguns camaradas” (O CEARÁ, 17 mar. 1926, grifos nossos).

O cangaceiro tentou desvincular a sua imagem daquela que o mostrava como um saltador. Representava-se como uma pessoa que pacificamente recorria aos benevolentes amigos, alguém que humildemente clamava e carecia de ajuda devido às desventuras financeiras provocadas por sua circunstância de vida. No entanto, salientou que quando



não era atendido pelos avarentos, ele se sentia no direito de ir buscar o dinheiro, pois essa era a única maneira encontrada para conseguir manter o seu grupo e atividades: “Consigo meios para manter meu grupo pedindo recursos aos ricos e tomando à força aos usurários que miseravelmente se negam de prestar-me auxílio” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Como afirmava Gustavo Barroso (1917), no referente à questão da arraigada ética sertaneja havia uma estigmatização/demonização do roubo. Lampião usou ao seu favor a indagação feita por Macêdo, pois não se identificava como um ladrão, sendo um insulto que ele não aceitaria em hipótese alguma. Ele se autorrepresentou nesse fragmento como aquele que pede, um necessitado que precisa dos amigos.

Conforme Otacílio Macêdo, Lampião em alguns momentos ao longo da entrevista, aproximou-se da janela do sótão e atirou moedas aos populares aglomerados na frente da residência que almejavam conhecê-lo e aos seus “cabras”. A tática/prática da esmola talvez viesse a contribuir, na ótica de Lampião, com essa posição de construir uma nova imagem sobre si. Nesse caso, a imagem de um homem caridoso, que tirava dos ricos e distribuía com os pobres, representação utilizada por muitos marxistas a partir da década de 1950³⁶.

Segundo afirmou o jornal, Otacílio Macêdo ficou tão admirado com a atitude tomada por Lampião que perguntou ao “Rei do Cangaço” quanto distribuiu com o povo de Juazeiro durante o curto tempo na cidade, obtendo a resposta: “mais de um conto de réis” (O CEARÁ, 17 mar. 1926), quantia bastante significativa para ser dada em esmolas. A preocupação de Lampião em passar uma boa imagem aos cidadãos juazeirenses talvez fosse até uma maneira de impressionar o padre Cícero e levá-lo a acreditar que nem tudo noticiado pela imprensa sobre o bandoleiro e seu bando condizia com a verdade e que o mesmo estava disposto a abandonar a vida de cangaceiro para tornar-se um legalista.

Na sequência da entrevista Macêdo perguntou a Lampião se ele estava rico, pois segundo noticiavam os jornais, ele era portador de vultosa fortuna. Tentando desmentir os boatos, Lampião foi pragmático: “Tudo quanto tenho adquirido na minha vida de

³⁶ Para aprofundamento da questão, ver: PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010; FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1983; HOBBSAWN, Eric. **Bandidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.



bandoleiro mal tem chegado para as vultosas despesas do meu pessoal – aquisição de armas, convindo notar que muito tenho gasto, também com a distribuição de esmolas aos necessitados” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Percebe-se que sempre a ideia de caridoso e mantenedor do bando, ia sendo alimentada e reiterada pelo próprio Lampião quando se tocava no assunto sobre a sua suposta riqueza. As palavras do “Rei do Cangaço” buscavam maquiagem seus roubos e crimes, sepultando as representações dominantes, constituindo por meio da sua narrativa um outro sujeito, sendo esta uma tentativa de expor a visão que tinha de si mesmo, de induzir e encaminhar os leitores por outras veredas discursivas. Conforme Certeau (2008, p. 107): “A escrita representa o papel de um rito de sepultamento; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso”.

A entrevista transcorria normalmente, apesar do clima de tensão que a envolvia, pois os cangaceiros viam Macêdo com desconfiança, como o próprio entrevistador relatou no jornal: “Os cangaceiros observavam-nos com um misto de simpatia e desconfiança” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Em determinado momento a conversa foi interrompida por uma velha “romeira”. Ela adentrou no recinto portando um “crucifixo de latão ordinário” (O CEARÁ, 17 mar. 1926) para presentear Lampião. A entrega do presente veio acompanhada das palavras: “Stá aqui seu coroné Lampião, que eu trouxe para vomecê” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Aquela senhora representava a ambiguidade das concepções e imagens construídas sobre Lampião, sendo o presente uma forma de reconhecer a importância de Lampião e a admiração despertada por ele em algumas pessoas.

Na boca da idosa ecoou o nome “coroné”; percebe-se pelo título de coronel, só conferido aos poderosos proprietários de terra e mandatários, já ter o cangaceiro reconhecimento do seu poder no meio social. Configurava-se como um coronel, figura tão cara e respeitada naquele meio de dominação, no qual a palavra dos poderosos era lei a ser seguida fielmente³⁷, pois esses homens tinham prestígio tanto na esfera pública como na privada. Como lembra Janotti (1992, p. 41-42): “O coronelismo não foi apenas uma extensão do poder privado, mas o reconhecimento da força de alguns mandatários pelo beneplácito do poder público”.

³⁷ Ver: FORTUNATO, Maria Lucinete. **O Conceito de Coronelismo e a Imagem do Coronel**: de símbolo a simulacro do poder local. Campina Grande: EDUFPG, 2008.



Lampião só se diferenciava dos outros coronéis por ser considerado um ilegal, um bandido sem terras e “curral eleitoral”. Enquanto os outros tinham a política como meio de legitimação de sua autoridade, o “Rei” cangaceiro tinha as armas e seu temível bando que o transformou em um poder no sertão, um coronel nômade que tinha impunha medo, travava acordos com coiteiros e outros coronéis poderosos locais em troca de favores e proteção. “Solidamente enraizada na proteção e na lealdade, a sociedade rural repousava na troca de favores, de homem para homem. O coronel oferecia proteção e exigia irrestrita adesão” (JANOTTI, 1992, p. 57).

As palavras de Lampião confirmavam o seu poder naquela região, exercido por meio das trocas de favores: “Não tenho tido propriamente protetores. A família Pereira, de Pajeú, é que tem me protegido, mais ou menos. Todavia, conto por toda parte com bons amigos, que me facilitam tudo e me consideram eficazmente quando me acho muito perseguido pelos governos” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

O presente da “velha senhora” guardava a simbologia do Sagrado e, subjetivamente, inscrevia sobre ele o desejo de proteção, talvez uma vida longa para o cangaceiro. Diante daquele ato simples, o chefe cangaceiro interpelou: “Este santo livra a gente de balas? Só me serve si for milagroso. Depois, respeitosamente, beijou o crucifixo e guardou-o no bolso. Em seguida tirou da carteira uma nota de 10\$000 e gorgetou a romeira” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Pode-se concluir através da entrevista que essa nova imagem de Lampião seria lapidada como um discurso dado a ler pelos jornais, tendo ele a oportunidade de ser, naquele momento, mesmo com as interferências e direcionamentos do entrevistador, autor do seu discurso e imagem social. Assumi o lugar de uma voz ativa através da qual buscou refazer sua imagem e defender suas posições quebrando o ciclo da unilateralidade discursiva que, via de regra, o representava como um monstro. Segundo Certeau (2008, p. 232):

O sofrimento de ser escrito pela lei do grupo vem estranhamente acompanhado por um prazer, o de ser reconhecido (mas não se sabe por quem), de se tornar uma palavra identificável e legível numa língua social, de ser mudado em fragmento de um texto anônimo, de ser inscrito numa simbólica sem dono e sem autor.



Tanto Otacílio Macêdo quanto Lampião tinham interesses não revelados, mas que podem ser identificados ao se debruçar sobre a entrevista. O primeiro buscou um furo jornalístico, algo inédito; o segundo pretendia passar uma imagem oposta àquela difundida, a que o representava como bandido despudorado e sanguinário.

Tanto entrevistador como entrevistado buscaram ser cautelosos no uso das palavras. Pretendendo esmiuçar toda a vida do “bandoleiro”, Macêdo indagou: “Não pretende abandonar a *profissão*?” (O CEARÁ, 17 mar. 1926, grifo nosso). O documento permite pensar que o entrevistador através dessa pergunta demonstrou de forma nivelada uma ironia, pois, conforme a linha de pensamento da elite, o cangaço lampiônico era uma espécie de máquina de obtenção de dinheiro, extorsão e roubo.

A resposta do cangaceiro acabou por legitimar a forma de pensar do médico cratense: “Se o senhor estiver em um negócio, e for se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo? Pois é exatamente o meu caso. Porque vou me dando bem com este ‘negócio’, ainda não pensei em abandoná-lo” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Essa ideia foi reiterada por Lampião no final da entrevista quando questionado sobre o seu futuro e do cangaço: “Estou me dando bem no cangaço, e não pretendo abandoná-lo. Não sei se vou passar a vida toda nele. Preciso trabalhar ainda uns três anos. Tenho de visitar alguns amigos, o que não fiz por falta de oportunidade. Depois, talvez me torne um comerciante” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Os “amigos” citados por Lampião, na realidade, eram inimigos.

Lampião utilizou o termo “trabalho” vinculado ao cangaço, explicitando a visão do cangaceirismo como uma ocupação profissional. Desse modo, ele novamente buscava fugir da imagem de bandido. Colocava seu “ofício” como um negócio/trabalho que ia dando certo.

Ele pretendeu aproximar-se dos grupos minoritários da sociedade, se mostrando como um igual. Mostrou valorizar as classes dominantes, “agricultores, fazendeiros e comerciantes”, que compunham o grupo conservador no Nordeste. O agradar os trabalhadores passava pelo crivo de tentar convencê-los de uma “verdade”, a “verdade” de Lampião, a imagem que ele fazia de si e estava buscando transmitir. Por outro lado, o elogio às camadas dominantes também tinha uma função, a de manter sua aliança com os protetores, os coiteiros. Segundo o jornal *O Ceará*, Lampião teria afirmado:



Gosto geralmente de todas as classes. Aprecio de preferência as classes conservadoras - agricultores, fazendeiros, comerciantes, etc., por serem os homens do trabalho [tanto é que ele pretendia ser comerciante se conseguisse abandonar o cangaço]. Tenho veneração e respeito pelos padres, porque sou católico. Sou amigo dos telegrafistas, porque alguns já me tem salvo de grandes perigos. Acato os juizes, porque são homens da lei e não atiram em ninguém. Só uma classe eu detesto: é a dos soldados, que são meus constantes perseguidores. Reconheço que muitas vezes eles me perseguem porque são sujeitos, e é justamente por isso que ainda poupo alguns quando os encontro fora da luta (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Corroboramos com a historiadora Auricélia Lopes Pereira (2000, p. 159) quando afirma:

Lampeão construiu no Ceará uma arte de existência, uma estética de vida marcada pela tradição do bom cangaceiro. Constituiu para si um lugar de sujeito outro, nele inscreve estratégias de cooptação que se deslocam a partir de duas posturas: evitar atos violentos; distribuir esmolas à população.

Lampeão admitiu respeitar o Ceará, deixando claro não ter inimigos naquela região, mas uma arraigada e forte teia de amigos/coiteiros poderosos ou não, que garantiam que, quando muito perseguido pelas forças volantes, o “Rei do Cangaço” e seu bando conseguissem encontrar a paz almejada nas terras cearenses.

O cangaceiro, por meio da entrevista, além de mostrar a sua versão sobre a vida adotada, tentou mostrar-se superior àqueles que estavam no seu encalço. Aos seus perseguidores, o recado foi claro e sem delongas, como se quisesse enfatizar a sua força e invulnerabilidade, apesar de toda a perseguição e ferimentos: “Já recebi quatro ferimentos graves. Dentre estes, um na cabeça, do qual só por um milagre escapei [...] Por isso, como o senhor vê, estou forte e perfeitamente sadio, sofrendo, raramente, ligeiros ataques reumáticos” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Também buscou mostrar o tamanho do seu poder, afirmando a incapacidade das autoridades de persegui-lo e obter êxito na sua captura. De maneira irônica esclareceu: “Tenho bons amigos por toda parte, e estou sempre avisado do movimento das forças” (O CEARÁ, 17 mar. 1926), mantendo dentro dos seus “domínios” um excelente serviço



de espionagem, segundo ele dispendioso, mas necessário. Lampião ia atuando nos sertões como um poder paralelo ao oficial:

Tenho conseguido escapar à tremenda perseguição que me movem os governos, brigando como louco e correndo rápido como vento quando vejo que não posso resistir ao ataque. Além disso, sou muito vigilante, e confio sempre desconfiando, de modo que dificilmente me pegarão de corpo aberto (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Para legitimar-se, o “Rei do Cangaço” ia desqualificando o outro, apresentando as forças volantes como um bando de sujeitos cruéis e sem caráter, os quais cometiam atrocidades desumanas e jogavam a culpa nos cangaceiros. Em defesa própria ele reconheceu ter cometido, em alguns momentos de sua caminhada, “violência e depredações”, mas fez para vingar-se dos perseguidores e como represália aos inimigos, pois primava pelo respeito aos pobres e humildes: “Tenho cometido violências e depredações vingando-me dos que me perseguem e em represália a inimigos. Costumo, porém, respeitar as famílias, por mais humildes que sejam, e quando sucede algum do meu grupo desrespeitar uma mulher, castigo severamente” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). É perceptível que Lampião apresentava aos leitores que os seus subordinados seguiam um “código de respeito” para com as camadas mais carentes.

Os cangaceiros temiam passar para a posteridade como sujeitos covardes. Isso fazia com que creditassem a sua palavra todo um respeito, tendo essa um valor exacerbado, pois homem de respeito era homem de palavra. Um dos fatores para que Lampião não abandonasse a vida de bandoleiro era o medo de ser representado socialmente como covarde por sair do cangaço para viver em outra região. Por outro lado, ele tinha consciência que se saísse do cangaço não cessaria a perseguição, pois, ao contrário do que aconteceu com outros cangaceiros que saíram do cangaço e assumiram uma vida pacata, a fama do “Rei do Cangaço” tinha tomado tamanha proporção que o cangaceirismo tornara-se um caminho sem volta:

Até agora não desejei abandonar a vida das armas, com a qual já me acostumei e sinto-me bem. Mesmo que assim não sucedesse, não poderia deixá-la, porque os inimigos não se esquecem de mim, e por isso eu não posso e nem devo deixá-los tranquilos. Poderia retirar-me para um lugar longínquo, mas julgo que seria uma covardia, e não quero nunca passar por um covarde (O CEARÁ, 17 mar. 1926).



Para a legitimação do seu nome como “Rei do Cangaço”, ele desqualificou algumas vezes à imagem do seu antecessor, Antônio Silvino, o qual, na época em que atuava como cangaceiro nos sertões, ganhara dos jornais o mesmo título. Na perspectiva de Lampião, o Nordeste não tinha espaço para dois reis, aquilo era algo inaceitável, impensado. Ele queria um reinado exclusivo, sem antecessores, sem sucessores. Ao referir-se a Silvino, suas palavras traziam um tom de desprezo: “Penso que Antônio Silvino foi um covarde, porque se entregou às forças do governo em consequência de um pequeno ferimento. Já recebi ferimentos gravíssimos e nem por isso me entreguei à prisão” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). No seu discurso e autorrepresentação, ele era mais forte, não sucumbira aos ferimentos e continuava impondo-se às autoridades.

O folclorista Leonardo Mota narrou no seu livro, *No Tempo de Lampião* (2002), uma entrevista feita com Antônio Silvino que, desde novembro de 1914, estava preso na Penitenciária de Recife. Na referida entrevista o cangaceiro fez questão de representar Lampião como um sujeito de sorte, que nascera em tempos mais prósperos, sabendo usar essa circunstância a seu favor. Segundo Silvino, aí estaria o sucesso das empreitadas de Virgolino, já que no passado, no seu tempo de líder cangaceiro, o trabalho era bem maior para sustentar o seu reinado e fama.

- Silvino, que é que você me diz de Lampião?
- Ah, seu Dr., Lampião é um Prinspe!
- Príncipe por quê?
- Veio depois de mim. Os tempos são outros. As armas tão mais aperfeiçoada. Não falta quem lhe dê tudo. Caixeiro viajante não é besta para se esquecer de levar presente de bala para ele. A força quer é só se encher de dinheiro no sertão. O mundo todo virou revoltoso. Os governos deixam de mão os cangaceiros porque não tem tempo nem de cuidar dos revoltoso. Não tenho dúvida: Lampião é um Prinspe! (MOTA, 2002, p. 18, grifos do autor).

Especificamente tratando da sua estadia no Juazeiro, o cangaceiro se sentia honrado em ver-se sob a proteção do padre Cícero. Devia ser algo extremamente gratificante para os bandoleiros. O próprio Lampião reforçava a sua admiração para com o sacerdote e o respeito que tinha pelo estado do Ceará, por ser uma terra onde encontrava numerosos aliados e o benemérito Cícero:



Sempre respeitei e continuo a respeitar o estado do Ceará, porque aqui não tenho inimigos, nunca me fizeram mal, e além disso é o estado do padre Cícero. Como deve saber, tenho a maior veneração por esse santo sacerdote, porque é o protetor dos humildes e infelizes, e sobretudo porque há anos protege minhas irmãs, que moram nesta cidade. Tem sido para elas um verdadeiro pai (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Respeitador e preocupado com a família, essas duas imagens o cangaceiro desejava que fossem difundidas. Esse trecho da entrevista mostra o reconhecimento e gratidão de Lampião para com o padre Cícero devido à proteção por este dispensada aos seus parentes. Talvez a imagem do padre Cícero como “protetor dos humildes e infelizes” viesse a respingar em Lampião ao travar essa união com o “santo de Juazeiro”, reafirmando a imagem que o “Rei do Cangaço” tentava construir de bom homem que ajudava aos necessitados.

É relevante salientar que, apesar de toda a especulação sobre a estadia de Lampião na cidade, os reais motivos da sua presença eram desconhecidos pela grande maioria da população, como também envoltos de contradições. Tentando esclarecer o ocorrido, Otacílio Macêdo inquiriu Lampião sobre a questão, obtendo resposta contundente e enfática: “Vim agora ao Cariri porque desejo prestar meus serviços ao governo da nação. Tenho o intuito de incorporar-me às forças patrióticas do Juazeiro, e com elas oferecer combates aos rebeldes” (O CEARÁ, 17 mar. 1926). Assim, o cangaceiro colocava-se como opositor da Coluna Prestes, não era um rebelde, mas um justiceiro.

Entendia aquele ato de aliar-se ao governo local e nacional em sua luta contra os revoltosos da Coluna como algo nobre. Possivelmente acreditava que ao passar para a legalista seus crimes seriam esquecidos. Lampião, sentindo-se seguro de si, se colocou na entrevista como estrategista militar, um líder do Batalhão Patriótico: “Tenho observado que, geralmente, as forças legalistas não têm planos estratégicos, e daí os insucessos dos seus combates, que de nada têm valido. Creio que se aceitassem meus serviços e seguissem meus planos, muito poderíamos fazer” (O CEARÁ, 17 mar. 1926).

Pode-se concluir que mais uma vez a imagem de Lampião passava pelo processo mutativo. Ao legalizá-lo, as autoridades do Estado estavam assumindo a sua incapacidade de gerir a violência nos sertões nordestinos, de combater Lampião e, ao mesmo tempo, a Coluna Prestes. Nesse jogo político os cangaceiros apareciam como peças a serem



manipuladas de acordo com os interesses estatais e dos próprios grupos sociais dominantes.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, João Martins de. **João Martins de Athayde**. São Paulo: Hedra, 2000.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da Mãe de Deus**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1917.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas trilhas do "Rei do Cangaço" e de suas representações (1922-1927)**. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1983.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre**. São Paulo: Annablume, 1999.

FORTUNATO, Maria Lucinete. **O Conceito de Coronelismo e a Imagem do Coronel: de símbolo a simulacro do poder local**. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. O “Capitão” Lampião. *In*: GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 95-115.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1976.

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O Coronelismo uma Política de Compromissos**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.



MELLO, Frederico Pernambucano de. O capanga da lei. *In*: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012. p. 79-92.

MELLO, Frederico Pernambucano de. Prestes x Lampião. *In*: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012. p. 93-110.

MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O Rei do Cangaco e os Vários Lampiões**. 2000. 313 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ST 09 - PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS

Coordenador:

Israel Soares de Sousa (UFCCG)

O presente Simpósio Temático tem como objetivo a socialização de pesquisas que discutam o ensino de História em espaços formais e não formais, como os movimentos sociais, por exemplo. Busca-se a construção de um debate profícuo que contribua na socialização de pesquisas acerca do ensino de História, bem como trabalhos que apresentem e problematizem experiências significativas para a construção de possibilidades experienciais mais críticas e democráticas, que abarquem os mais diversos temas e sujeitos. O ST também se propõe a discutir políticas públicas na área do ensino de História e como essas propostas se concretizam nos espaços de ensino e aprendizagem.

UFCCG E A PROBLEMÁTICA DA AUSÊNCIA TEÓRICO-METODOLÓGICA SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO CERNE DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Francisca Gabriela Bezerra
Universidade Federal de Campina Grande
francisca.gabriela@estudante.ufcg.edu.br

Luciana Abrantes Nobre
Universidade Federal de Campina Grande
luciana.abrantes@estudante.ufcg.edu.br